

# Vestindo Memórias

Legado e Identidade

ROTEIRO EDUCATIVO

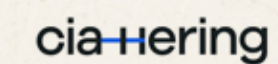


# Vestindo Memórias

## Legado e Identidade

A produção deste material educativo foi viabilizada pelo Programa de Apoio à Cultura do Estado de São Paulo (ProAC 31896), por meio da Secretaria Estadual de Cultura, Economia e Indústria Criativa do Governo do Estado de São Paulo, com patrocínio da Cia. Hering, apoio da Fundação Hermann Hering e realização do Museu da Pessoa.

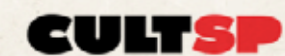
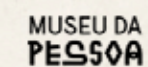
Patrocínio



Apoio



Realização



Secretaria de  
Cultura e Economia Criativa





Roteiro educativo

Vestindo memórias: legado e identidade

Concepção Ana Paula Severiano

Supervisão editorial Sônia London e Lucas Torigoe

Coordenador de projetos Renato Herzog

Projeto gráfico e diagramação Mariana Afonso

Pesquisadores Luiza Gallo e Grazielle Pellicel

Produtora Ane Alves

Transcrição Selma Paiva e Mônica Alves

Revisão Sílvia Balderama Nara

EQUIPE EXECUTIVA

Curadora Karen Workman

Diretor executivo Marcos Terra

Relações institucionais e governamentais Rosana Miziara

Museologia Lucas Lara | Felipe Rocha | Renata Pante | Fabiana Neves da Silva | Beatriz Alves |

Davi Moyano | Leonardo S. Sousa | Teresa Carvalho | Natália Santiago | Anna Russier

Colaboração Marcela Lanza Tripoli | Marcia Trezza | Sônia Helena London | Sofia Tapajós |

Jonas Samaúma | Aline Scolfaro | Luciana Ribeiro

Museu digital Odilon Gonçalves | Amanda Lira | Isadora Catem Santos | Carolina Andrade |

Ariane Permonian| Leandro Almeida | Thiago Magalhães

Gestão e operação Ricardo Vilardi | Allan Russo Fava | Dalci Alves da Silva | Erika Viana Santos |

Eduardo Valente | Renato Herzog | Lucas Torigoe | Ane Alves

INSTITUTO MUSEU DA PESSOA

Associados Ana Wilhelm | Carla Nóbrega | Carlos Seabra | Carolina Misorelli | Celia Picon | Cláudia Leonor |

Daniela de Rogatis | Elza Lobo | Fernando Von Oertzen | Heloísa Nogueira | Immaculada Prieto | Iris Kantor

| José Matos | José Mauger | Karen Workman | Luiz Egypto | Marcia Trezza | Maria Francisca Passos |

Mauro Malin | Roberto da Silva | Rosali Nunes | Rosana Miziara | Sandra Sinicco | Sergio Ajzenberg

(in memoriam) | Sônia London | Silvia Carvalho | Zilda Kessel

Conselho Consultivo Alberto Dines (in memoriam) | Celia Picon | Danilo Miranda (in memoriam) |

Eliezer Batista (in memoriam) | Lisandra Alves | Octavio Barros | Paul Thompson | Paulo Nassar |

Roberto da Silva | Tom Gillespie | Wellington Nogueira

Conselho de Gestão Beatriz Azeredo | Carla Nóbrega | Gustavo Gonzaga | Tiago Lara

Conselho Fiscal José Mauger | Leandro Salatti | Maria Francisca Passos

Comitê de Compliance Cynara Reinert | José Mauger | Luiz Egypto | Maria Francisca Passos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vestindo memórias [livro eletrônico] : identidade e legado : material educativo. -- São Paulo : Museu da Pessoa, 2023.  
PDF

ISBN 978-85-60505-61-6

1. Ciências humanas - Estudo e ensino 2. Memória  
3. Moda - Aspectos sociais 4. Sociologia

23-181870

CDD-001.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências humanas 001.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

## **Apresentação - 8**

## **Quem veio para contar - 12**

## **Roteiro 1 - A costura da vida - 20**

### **Atividades**

1. Gaveta de histórias
2. Do guarda-roupa para fora: expressão e diversidade
3. *Look* do dia: meu estilo, minha identidade

## **Roteiro 2 - Em cada roupa, nossa história - 44**

### **Atividades**

1. Varal de memórias
2. O fio da meada: roda de histórias
3. Entre a fala e a escrita: o que é narrar?
4. Um dia no museu
5. Arremate: montagem da exposição

# Apresentação

Olhe para as roupas que você está usando agora. O que contam sobre você, sua história, a época e o lugar em que vive? Foi com essas perguntas que o Museu da Pessoa e a Fundação Hermann Hering lançaram uma campanha em 2023, em busca de pessoas que quisessem compartilhar o legado que guardam em suas casas, armários, araras, cabides e gavetas.

A campanha levou ao encontro com dez pessoas que vivem na região metropolitana de São Paulo: Alexandre Nepomuceno, Ana Lúcia Riquetto, Doraci Pereira Cordeiro, Luiz Romano, Malu Bandeira, Margaret Simas Marques, Mariana Limeres, Rosana Limeres, Sylvia Demetrescu e William Pereira Cordeiro. Alguns dos entrevistados já passaram dos 60 anos, outros ainda não chegaram aos 40. Alguns, como mostram os sobrenomes, fazem parte da mesma família, outros levam parentes e amigos nas peças que carregam no corpo ou guardam com carinho.

Eles abriram suas portas para os pesquisadores do Museu da Pessoa e ajudaram a compor, ao contar e permitir o registro de suas histórias de vida, uma bela vitrine. Nela, podemos admirar um casaco azul de criança, lenços de seda, um mandrião de batismo do início do século XX, camisas de times esportivos, paramentas de umbanda, saias e vestidos para usar no cotidiano, um casaco com forro marrom e laranja. Além das peças, vemos afeto, acolhida, laços de sangue e de espírito, superação, diversidade e tolerância. Não fosse suficiente, a vitrine formada por esse mosaico de histórias de vida reflete saberes e fazeres de um grupo heterogêneo, cultural e socialmente. As pessoas, as peças que selecionaram para mostrar e suas histórias, então, celebram o exercício da identidade e da alteridade.

Por isso faz sentido que sejam protagonistas do material educativo que você tem em mãos, com atividades direcionadas para professores da educação básica.



As histórias de vida e o currículo

Este livreto é composto por dois roteiros didáticos, que somam oito atividades. Elas dialogam com as competências da Base Nacional Comum Curricular. Primeiro, porque atentam para competências específicas de Ciências Humanas, como

Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Isso porque as histórias ampliam a voz de grupos minoritários, como aqueles praticantes das religiões de matriz africana e as pessoas trans. Ainda, reconhecem as diferentes maneiras como as tradições são compartilhadas e transformadas no processo de passagem entre as gerações.

Além disso, as atividades também dialogam com as competências específicas de Linguagens, na medida em que contribuem para, entre outros aspectos,

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Assim, as propostas deste material convidam à reflexão em dupla perspectiva. Trata-se de olhar para dentro - em um exercício de compreensão sobre si - e para fora - em um exercício de compreensão sobre o outro e sobre o mundo, no passado e no presente. Nesse sentido é que os roteiros dialogam com a construção de projetos de vida, expressão hoje recorrente nas escolas, mas muitas vezes pouco presente nos currículos em razão da falta de materiais adequados e de formação aos docentes que atenda a essa demanda.

Compreendemos, então, que o projeto “Vestindo Memórias: Legado e Identidade” e seu material educativo suprem lacunas enquanto apoiam os professores da educação básica, que atuam no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Do mesmo modo, potencializa o que é o objetivo do Museu da Pessoa: o direito que todos temos de contar nossas histórias.



## Quem veio para contar

Nos roteiros didáticos, você encontrará atividades que têm como ponto de partida ou dialogam com histórias de gente comum, que abriu suas casas para falar sobre memórias ligadas ao vestuário. Essas histórias foram acolhidas, registradas e compartilhadas pelo Museu da Pessoa e estão disponíveis, na íntegra, no link <https://museudapessoa.org/colecao-detalle/?id=1961>.







## Mariana Limeres

é natural de São Bernardo do Campo, SP. Na infância, gostava de estudar e amava animais, queria ser veterinária. Hoje, trabalha no cuidado de crianças em uma creche e é mãe de três filhos: Benjamin, Melissa e Júlia. Ela compartilhou a história de um casaco infantil azul, elo entre as diferentes gerações de sua família.

História na íntegra



## Luiz Domingos Romano

é filho de Teresa Rocco Romano e Mário Romano. O pai foi um descendente de italianos que trabalhou na indústria e no comércio em São Caetano do Sul, além de ter atuado como massagista para vários atletas e clubes esportivos. Por isso, ao longo da vida, Mário colecionou camisas, flâmulas e muitos outros objetos que constituem um grande acervo do qual Luiz é o guardião.

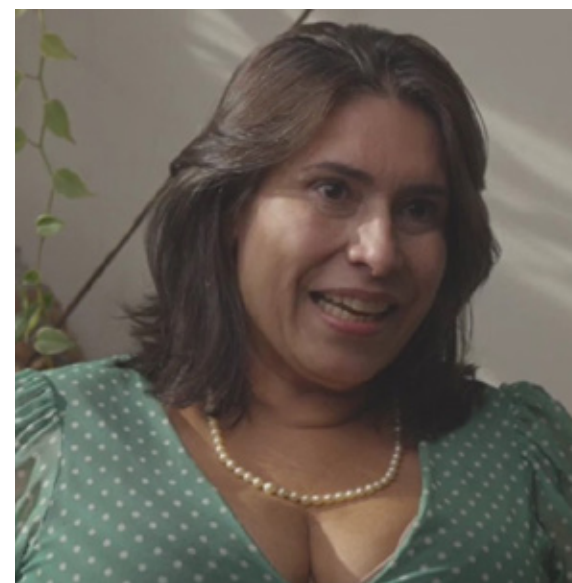
História na íntegra



## Rosana Limeres

nasceu em Santos e viveu no litoral até os 16 anos, onde pode se apaixonar por clássicos como Monteiro Lobato e ver Pelé jogar na Vila Belmiro. É mãe de Mariana Limeres, a quem passou o casaco azul que ganhou do pai, um trabalhador do Porto de Santos, de quem Rosana se lembra pelo espírito generoso e solidário.

História na íntegra



## Margaret Simas Ramos Marques

tinha mania de calçar os sapatos de salto da mãe e da avó e de se enrolar nos lenços de seda das mulheres da família para fingir que já era gente grande. Herdou o guarda-roupa das matriarcas e conserva, na memória, na identidade e no estilo, a marca delas.

História na íntegra







### Ana Lúcia Riquetto da Silva Ferreira

vive em Mogi das Cruzes e é pedagoga. Quando criança, aproveitou a vida em um período de transição entre o mundo rural e o urbano. Mais tarde, tornou-se pedagoga e, no tempo livre, gosta de dançar e conhecer mais sobre as tradições populares. É mãe de dois jovens homossexuais e de Malu Bandeira, que, à época da entrevista, passava pela transição de gênero. Durante o processo, a filha herdou algumas das peças da mãe.

História na íntegra



### Malu Bandeira

nasceu em 1985, mora em São Paulo e vem desenvolvendo trabalhos como artista visual. Quando deu a entrevista ao Museu da Pessoa, estava passando pela transição de gênero. Parte das lembranças ligadas a esse processo estão materializadas nas roupas que ganhou de amigos e da mãe.

História na íntegra



### Doraci Pereira Cordeiro

é de 1957, mas só abriu a casa de umbanda no bairro de São Mateus, em São Paulo, em 2008. Ela conta que as roupas de santo da religião preservam legado e energia, por isso, nunca se desfaz delas. Paramentas, capas e objetos fazem parte do acervo da mãe de William Pereira Cordeiro.

História na íntegra



### William Pereira Cordeiro

é uma criança dos anos 1990 e aprendeu cedo a tocar atabaque nas celebrações de umbanda pelas quais Doraci, sua mãe biológica e também espiritual, é responsável. Em seu depoimento, explica significados das vestes da religião de matriz africana e relembra momentos marcantes que viveu celebrando os orixás.

História na íntegra







História na íntegra



## Sylvia Demetrescu

é filha de imigrantes europeus e estudou no tradicional Colégio Dante Alighieri. Casou-se com o namorado que cumpriu todas as suas exigências: ser loiro de olhos azuis, falar diferentes idiomas, gostar de viajar e não controlar a vida dela. Bordou o próprio vestido em parceria com uma costureira e, no grande dia, não usou véu, grinalda, maquiagem ou esmalte nas unhas. É uma interessada pesquisadora da trajetória de sua família e compartilhou a história de um antigo mandrião, usado nos batizados das crianças do clã há mais de um século.



## Alexandre Nepomuceno

nasceu na Paraíba, formou-se em Administração, mas depois deu uma guinada e se envolveu com Artes Cênicas e figurino. Quando criança, abria o armário de roupas do pai para se fantasiar de detetive, munido de casaco e pasta de documentos. Da pasta não tem notícias, já o casaco foi esquecido por Alexandre em uma mudança e percorreu muitos caminhos antes de voltar às suas araras.

História na íntegra





# Roteiro de trabalho

## 1. A costura da vida

**“Uma peça de roupa  
não é só um objeto,  
ela é um símbolo”**

Rosana Limeres



Nas atividades das próximas páginas, faremos um mergulho na identidade e discutiremos como ela se expressa no vestuário. Entre nossos recursos de trabalho estão histórias de vida registradas e compartilhadas pelo Museu da Pessoa. Também nos valeremos de registros históricos que revelam como a identidade da sociedade e dos indivíduos se manifesta também pelas vestimentas. Por fim, os estudantes representarão a si mesmos por meio do desenvolvimento de um catálogo de moda inspirado em obras de artistas visuais contemporâneas.

### Sobre este roteiro didático

Público

Estudantes dos Anos Finais  
do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Atividades

1. Gaveta de histórias
2. Do guarda-roupa para fora: expressão e diversidade
3. Look do dia: Meu estilo, minha identidade

Tempo sugerido

10 horas

Áreas do conhecimento

Linguagens (Língua Portuguesa e Artes) e  
Ciências Humanas (História)



## Base Nacional Comum Curricular

### Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

### Competências específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.



## ATIVIDADES

### 1. Gaveta de histórias

Tempo sugerido: 2 horas

Recursos: envelopes com cópias de trechos de histórias de vida, papel pardo, fita adesiva, materiais de desenho e pintura

• Inicie a aula com a leitura de um trecho do livro **A bolsa amarela**, da autora brasileira Lygia Bojunga, lançado em 1976. A obra conta a história de uma garota que está em conflito com a família e com os próprios desejos. Como estratégia para passar por essa fase, ela esconde, na bolsa que dá nome à história, suas vontades: ser garoto, tornar-se adulta e seguir carreira na escrita de ficção. Na passagem, Raquel ganha uma bolsa usada de tia Brunilda:

#### **A bolsa amarela**, de Lygia Bojunga

- Toma, Raquel, fica pra você.

Era a bolsa.

A bolsa por fora:

Era amarela. Achei isso genial: pra mim amarelo é a cor mais bonita que existe.

Mas não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato.

Ela era grande; tinha até mais tamanho de sacola do que de bolsa.

Mas vai ver ela era que nem eu: achava que ser pequena não dá pé.

A bolsa não era sozinha: tinha uma alça também. Foi só pendurar a alça no ombro que a bolsa arrastou no chão. Eu então dei um nó bem no meio da alça. Resolveu o problema. E ficou com mais bossa também.

[...]

Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não.

NUNES, Lygia Bojunga; NERY, Marie Louise. *A bolsa amarela*. Agir, 1976.

• Pergunte à turma o que pensam ser a bolsa amarela? Que metáfora o acessório constrói? Eles já tiveram alguma peça de roupa ou acessório assim, quase um companheiro e confidente? Acrescente que o vestuário, como visto no trecho, comporta nossas memórias e nossos afetos, questão, aliás, muito explorada na literatura. Não à toa, a bolsa amarela acompanhará Raquel – e a imaginação da garota – durante toda a narrativa.

• Adiante que, na sequência, a turma conhecerá algumas histórias de vida. Conte que as histórias fazem parte do acervo do Museu da Pessoa, organização que se dedica ao registro das histórias de vida de qualquer pessoa e cujo acervo está disponível na internet.

• Divida a sala em grupos de até quatro participantes e ofereça a cada grupo cinco envelopes, entre os quais devem escolher apenas três. Dentro deles, haverá pequenas histórias (já transcritas e prontas para serem fotocopiadas a seguir). Providencie vários envelopes com cópias das histórias. Assim, cada grupo abrirá algumas “gavetas” com histórias de pessoas.

ENVELOPE 1

Esse casaco é muito especial pra minha mãe. A lembrança que tenho de usá-lo é a da minha escola. Apesar de eu ter o uniforme, um casaco da escola, eu me lembro de usar e de como a minha mãe ficava feliz quando ela me via com ele. Então, pra mim, a história do casaquinho é a da minha mãe. É a felicidade dela. A história dessa roupa, que minha mãe sempre conta, é a seguinte: o pai dela ganhou o casaco de doação, quando ela não tinha roupa de frio. Todos os irmãos dela usaram, eu usei de pequeninha e agora é dos meus filhos.

**Mariana Limeres** nasceu em 1986. É mãe de três filhos: Benjamin, Melissa e Júlia. O casaquinho azul é o elo entre as diferentes gerações da família.

ENVELOPE 2

O casaquinho chegou pra mim em 1968 ou 1969. Eu devia ter uns cinco ou seis anos. Meu pai era estivador do Porto de Santos, em São Paulo, e chegou um navio com agasalhos que vieram da Alemanha para pessoas carentes do Brasil. Eram as antigas campanhas do agasalho, as roupas vinham de fora.

No dia em que ele chegou com esse casaco, eu me lembro como se fosse hoje da minha felicidade. Mas aí eu fico pensando: ele trabalhava no porto, num lugar frio e não tinha casaco. Esse foi o único casaco da minha infância todinha e dos meus irmãos, porque nós éramos muito pobres. Meu pai poderia ter pegado um casaco pra ele, porque ele precisava. Então, é o símbolo da generosidade. Era um casaco bom, muito novinho. Lembro que torcia pra fazer frio, pra ir na escola com o casaco. Assistia com meu pai àqueles filmes de antigamente, de Hollywood, era sempre no frio, as pessoas de casaco de pele. Eu colocava o casaquinho, me sentia uma estrela de Hollywood e ia pra escola toda exibida.

Meus irmãos, minha filha e meus netos vestiram depois. Então, uma peça de roupa não é só um objeto, ela é um símbolo. Esse casaco é o símbolo do amor que eu tenho por cada um que o vestiu. Dentro dele tem muito mais do que aconchego e calor. Tem afeto, generosidade e solidariedade.

**Rosana Limeres** nasceu em 1963. É mãe de Mariana Limeres, a quem passou o casaco azul. Rosana pretende que o casaco ainda passe a muitas gerações da família Limeres.



ENVELOPE 3

Meu pai sempre me presenteava com alguma coisa. Sempre gostei de relógio de pulso e ele me falou: “Quando você tirar o diploma do curso primário, vou te dar um relógio”. Fiquei contente. Tirei o diploma, no dia de receber ele já veio com o relógio e me deu. Tenho esse relógio, simples e bem antigo, guardado até hoje.

Ele também ganhou uma camisa do Clube Atlético Tamoyo, que é o clube onde ele começou como massagista. Então, ele me deu muita coisa. É até difícil [de falar a respeito], porque eu com meu pai, a gente era muito unido. Meu pai era um baita companheiro meu, pra tudo.

**Luiz Domingos Romano** nasceu em 1951. Seu pai foi massagista e trabalhou para uma série de clubes esportivos. Por isso, ao longo da vida, colecionou camisas, flâmulas e muitos outros objetos que constituem um grande acervo do qual Luiz é o guardião.

ENVELOPE 4

A bisa deu esse mandrião para os netos. Minha mãe ficou com esse vestido, que só batizou uma prima minha, em 1941, que era a primeira bisneta. Por ser religiosa, pelo mandrião ter uma história na família, por ter essa cruz que o acompanha, acho que minha mãe tinha o sentimento de que era uma coisa preciosa, uma joia. Ela tinha essa preocupação. Fomos batizadas [Sylvia e a irmã] e ela sempre falava: “Tem que guardar o mandrião, tem que lavar, não pode engomar, tem que guardar sem passar, no papel azul, essa é a caixa”. Ou seja, ela queria dizer que a tradição do mandrião tinha que continuar.

Quando meus filhos nasceram, minha mãe falou: “Tem que batizar com o mandrião”. Para ela, era todo um ritual. Tinha que pôr na sala, punha uma fralda ou um lençol em cima e passava. Era o evento pra ela, mais que casamento.

O mandrião une as pessoas, por ser esse vestido que passou por várias gerações. É como uma aliança, uma coroa, é um elemento que faz parte da nossa história. No batizado, a gente se reúne, é o mais importante. Todo mundo se diverte e tem o almoço. É um jeito de a gente se ver em um momento de alegria, porque é o nascimento de uma criança, a apresentação dela para a sociedade, os padrinhos e a família. Ao mesmo tempo, é um rito que se repete.

**Sylvia Demetrescu** nasceu em 1950, tem quatro filhos e nove netos. Em sua história, há muitas peças de roupa marcantes, mas o mandrião é o símbolo maior da trajetória de sua família de imigrantes.



ENVELOPE 5

Aos domingos, eu ia almoçar com meu pai e com a minha mãe, enquanto ela estava viva. Depois, continuei só com ele. Um dia, foi muito emocionante, ele tinha separado lencinhos e essa mantinha, echarpe, para mim. Foram as primeiras coisas que ele me deu. Depois, veio com joias e essas coisas. Um dos lencinhos foi da minha avó. Esse é um lenço italiano que eu vivia amarrada nele; botava na cintura, botava na cintura e me vestia com ele quando era pequena. Acho que essas coisas eram caras antigamente, é de seda. Minha avó e minha mãe ficavam loucas de eu ficar roubando os lenços.

Quando eu vestia os lenços, pequenininha, era porque eu queria crescer, queria ser igual a minha avó, a minha mãe. É esse desejo de crescer, de ser gente grande, parece que a gente vai se inspirando o tempo todo nos nossos pais, nas nossas mães, nas nossas avós, nos nossos avôs. É como os acessórios e as roupas fazem com que a gente se sinta grande, é como a gente consegue se imaginar crescendo e tendo história.

**Margaret Simas Ramos Marques** nasceu em 6 de setembro de 1966. Cresceu em meio às roupas e acessórios da mãe e da avó, que, agora, além de fazer parte de seu guarda-roupa, ajudam a contar quem ela é.

• Anote os nomes das pessoas e das peças que estavam no envelope no quadro ou em uma faixa de papel pardo/kraft. Deixe espaço entre os nomes para que os estudantes possam fazer intervenções.

• Convide a turma a montar um painel que represente o conteúdo e as relações entre as histórias que descobriram em cada “gaveta”. No painel, podem fazer desenhos, grafites, escrever poemas ou letras de músicas relacionadas à narrativa, transcrever trechos das histórias, mencionar palavras-chave. Podem também ligar os nomes e estabelecer conexões entre as memórias.

• Após a confecção do painel, peça que os estudantes compartilhem um pouco do trabalho que fizeram. Pergunte como imaginaram as pessoas que narram as histórias e que pontos de similaridade e de diferença encontraram nas narrativas.

• Enfatize que as histórias são exemplos de como o vestuário pode carregar memórias e afetos (como na metáfora da bolsa amarela). Nelas, as roupas cumprem mais do que a função de proteger do frio, da chuva e do sol ou de atender a códigos sociais. Contribuem para que cada um olhe para o próprio passado e comunidade, compreenda um pouco de si no presente e flerte com o futuro.

## ATIVIDADES

### 2. Do guarda-roupa para fora: expressão e diversidade

Tempo sugerido: 3 horas

Recursos: galeria de imagens ou de vídeos retratando as vestes de diferentes grupos sociais e épocas, equipamento para projeção de imagens, cópias do material de apoio

- Retome a atividade anterior, em que conhecemos algumas histórias de vida de gente comum, e pergunte à turma que relação têm com as roupas que vestem.

#### Começo de conversa

Acreditam que expressam quem são quando usam certas peças de roupas ou combinações delas?

Além disso, julgam ou avaliam as outras pessoas pelas roupas que vestem? Se sim, por quê?

O que as roupas podem contar ou esconder sobre uma pessoa?

- Exiba uma seleção de fotos ou de vídeos que mostre a diversidade e as transformações do vestuário com o passar do tempo. É possível incluir vestidos da época vitoriana; uniformes das operárias durante a Revolução Industrial; roupas dos profissionais que trabalham com coleta de resíduos e varrição; trajes de banho do início do século XX; o estilo dos *hippies* dos anos 1960; as combinações dos adeptos do partido Black Panther, nos Estados Unidos; as vestes dos artistas brasileiros que participaram do movimento conhecido como Tropicália; adereços indígenas e assim por diante.

#### 100 anos em 100 segundos

Um casal dança enquanto mostra de que maneira a moda se transformou ao longo de um século.

<https://youtu.be/TND1aJQDnxw>

Duração: 1min40s

#### História da moda, gênero e classe

No canal do YouTube *A Modista do Desterro*, uma análise de roupas de várias épocas e culturas revela questões de classe e de gênero.

<https://youtu.be/wywtVzki64w>

Duração: 11min34

- Discuta o que as imagens presentes na galeria ou nos vídeos contam sobre a relação entre as pessoas e as roupas que vestem. Aponte como elas podem estar associadas à expressão de uma classe social, de um grupo de trabalhadores ou de gênero. Podem também manifestar pontos de vista, mostrar insatisfações ou adesão a um grupo cultural. Vestir, então, é comunicar.
- Se é assim, solicite que tracem hipóteses sobre o modo como os próprios estudantes se vestem.



### Alinhavando ideias

As roupas contam sobre a classe social dos adolescentes?  
Mostram suas vontades, preferências e posicionamentos?  
As maneiras de vestir foram se transformando ao longo da vida?

O que mudou na adolescência?

Como outros jovens, da mesma faixa etária, mas de outros estratos sociais, se vestem?

É possível definir nomes para cada “tribo” (metaleiros, *nerds*, *rolezeiros*, skatistas, rappers etc.)?

Já foram vítimas de preconceito ou sentiram medo em razão das roupas que estavam usando?

• Após a conversa, organize a turma em grupos de quatro pessoas e entregue a cada participante apenas uma das histórias abaixo. São histórias entre mães e filhas(os) e fruto de entrevistas transcritas, editadas e adaptadas pelo Museu da Pessoa para este caderno educativo.

### Ana, mãe

Chegou uma hora em que olhei e não vi mais o Lucas, não enxerguei e percebi que eu tinha que ajudar e que a melhor maneira de você ajudar uma pessoa é entendê-la. Malu (antes, Lucas) está em fase de transição. Teve uma época em que ela começou a usar saia e tudo e nunca ninguém falou nada, mas a gente, como mãe, percebe uma transformação ali. Então, importante pra mim é a pessoa se sentir bem e, naquele momento, ela estava precisando de vestidos [que eu dei], mesmo para [compreender] a identidade.

**Ana Lúcia Riquetto da Silva Ferreira** nasceu em 1965 e é mãe de uma jovem que, à época em que Ana contou essa história, passava por um processo de transição de gênero.

### Malu, filha

A transição foi um processo longo. Fui primeiro para a experimentação e depois para a ideia. Comecei muito pelo vestir. Uma amiga me deu uma saia, depois veio brinco, vestido, maquiagem. Foi um processo extenso, de anos. Para mim, uma lembrança muito importante desse processo foi quando a minha mãe me deu uma roupa tida como feminina pela primeira vez, era uma roupa dela. Foi uma identificação, ela viu ali, em mim, uma feminilidade que ela também vê nela. Nossos estilos são diferentes, mas entendo esse gesto como tão importante para mim que não me incomoda usar uma roupa que é dentro do estilo dela. Pelo contrário, acho que me faz bem.

**Malu Bandeira** nasceu em 1985 e, quando deu a entrevista aqui transcrita, estava passando por um processo de transição de gênero. Parte das lembranças ligadas a esse processo estão resumidas nas roupas que ganhou de amigos e da mãe.

### William, filho

Dentro do ritual da umbanda, o branco representa, além da paz, todas as cores, reflete pureza e neutralidade. É maravilhoso, uma cor ótima. [Um dos meus trajes é] a paramenta de Ogum. Foi a primeira paramenta que ganhei da minha mãe, foi num ato simbólico, representa a armadura de Ogum, o orixá do ferro e do metal. Então, se você pensa num guerreiro, ele traz consigo sua armadura, por isso, Ogum vem com seu capacete. Algumas espadas dentro do nosso rito são de metal, mas sem pontas, são guardadas simbolicamente, representando o orixá, tanto Ogum quanto outros orixás que vêm com espada.

Essa roupa é a mais importante pra mim, porque é da minha primeira obrigação. Quando a gente faz a primeira obrigação, a gente está se iniciando como um bebê dentro da religião. A gente nasce como bebê, cresce como jovem, envelhece e adquire sabedoria como uma pessoa idosa, um velho.

Jamais vou me desfazer dessa roupa, ela está até um pouco velhinha, tem mais de sete anos. Só visto quando o orixá está em terra. Inclusive, até a guardo num saco transparente, pra não sujar, não ter nenhum tipo de dano. Com o tempo vai se deteriorando, mas representa a junção da união de todos. Guardo com muito carinho, com muito zelo, com muito amor e está aqui o sentimento de todos os filhos, o respeito e o carinho que eles têm para comigo. É uma paramenta belíssima, posso ter orgulho de carregá-la.

Quando a gente coloca nossas guias, nossas paramentas, os adornos, tudo é significativo. Lembramos que existe um guia nos protegendo, dos elos que nós temos. Por isso, as guias e colares, são redondos e representam o círculo protetor, é a envolvimento do orixá junto conosco. Cada guia que a gente veste é um momento de evolução dentro da religião. Temos que estar puros de coração, de corpo e de alma pra vestir tudo isso.

Na nossa religião, guias e roupas de santo não podem ser passadas. Então, em um funeral de umbanda, a pessoa é vestida com roupa de

santo. Dentro do ritual do funeral, as guias são travestidas no corpo. Já as guias de esquerda, são colocadas aos seus pés.

**William Pereira Cordeiro** nasceu em 1990. Desde a infância, participou de rituais de umbanda com a mãe, que cuida de um terreiro em São Mateus, na Grande São Paulo.

### Dora, mãe

Essas vestes, pra mim, são muito importantes, é de Ogum pra Ogum. Essa paramenta de que ele falou é especial, porque começou pelas minhas mãos e, como a gente fala na umbanda, doamos nosso axé pro filho. Meu axé foi tudo nessa roupa. Ela é muito especial, foi trabalho, foi emoção, foi choro, foi felicidade, foi exaltação por ver o Ogum dele dançando. É muito bom quando você faz algo, o orixá aceita e responde na dança. É muito gratificante.

O capacete eu recolhi pro Pai William, que não pode saber de nada quando está na camarinha [ritual de recolhimento de alguns médiuns praticantes da umbanda]. Ele não pode saber de nada que está acontecendo fora. Se está chovendo, ou não; se está sol, ou não; não sabe as horas, fica bem isolado. Fomos encomendar o capacete pra ele, que não sabia de nada. No dia da saída da camarinha, chamamos Ogum em terra e fomos trocar a roupa de Pai William. Ele só ficou sabendo depois que o Ogum voltou pra camarinha [quando a incorporação terminou]. Nós fomos desmontando todos os paramentos, tirando e pusemos tudo abertinho, pra ele ver. Foi só choro, porque é emocionante pra mim, como mãe, vê-lo como meu filho numa saída de santo.

**Doraci Pereira Cordeiro** nasceu em 1957, filha de um pai benzedor e curador, no estado do Paraná. Depois da morte do pai, mudou-se ainda jovem para São Paulo, onde teve os primeiros contatos com a umbanda. Na cidade, compreendeu o chamado da religião e hoje é mãe de santo em um terreiro no bairro de São Mateus.



- Cada participante deve ler uma das histórias em voz alta para os demais colegas do grupo. Após a leitura, oriente-os a discutir de que tema tratam as histórias, qual é a relação entre mães e filhos e que papel o vestuário tem nas trajetórias de Rosana, Malu, William e Dora.
- Na sequência, organize a turma em círculo e peça que compartilhem algumas das ideias que foram discutidas no grupo e se há estudantes que se identificaram com as histórias lidas.
- Discuta como as roupas das histórias falam sobre continuidades e rupturas. No caso da história contada por William e por Dora, a roupa, as guias e o capacete de Ogum são parte das manifestações concretas dos ritos de uma religião, que passam de uma geração a outra. Além dos vínculos de sangue, há também os espirituais. Já na história de Rosana e Malu, há uma ruptura dada pela transição de gênero, mas acolhida e afeto nas roupas que um dia vestiram a mãe e passam a vestir a filha, de modo que novos laços possam ser constituídos.
- Ressalte, ainda, como, em ambas as histórias, há espaço para problematizar grupos minoritários, que são vítimas de violência no Brasil.

#### Intolerância religiosa e de gênero em números

**0,3%** da população brasileira é umbandista ou candomblecista

**60%** dos terreiros sofreram algum tipo de ataque entre 2020 e 2021

**2%** da população brasileira se declara como transgênero ou não binária

**1ª** é a posição do Brasil no *ranking* de países que mais cometeram violência contra trans em 2022

Fontes: Associação Nacional de Travestis e Transexuais; Ilê Omolu Oxum; Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde; Universidade Estadual de São Paulo.

- Apresente os dados do quadro, agregue outras estatísticas à aula e reforce que os números – assim como notícias sobre incêndios em terreiros e ataques a pessoas trans – evidenciam grave violação de direitos humanos no país.
- Leve a turma a pensar se conhecer as histórias de pessoas trans e de religiões afro-brasileiras pode contribuir para a reflexão sobre violência. Discuta como muitas vezes o desconhecimento e a falta de diálogo são responsáveis pela criação de estereótipos, ou seja, visões preconceituosas sobre determinados grupos sociais. As roupas não ficam fora desse processo, uma vez que são usadas como justificativa para análises equivocadas, juízos sociais e rotulações sem embasamento.
- Debata se ouvir as histórias daqueles que parecem diferentes de nós pode nos aproximar, fazer com que encontremos pontos de conexão e alimentemos a alteridade e a empatia para além dos conflitos.

#### SAIBA MAIS

A coleção de sete volumes dos cadernos “Respeitar é preciso!”, produzida pelo Instituto Vladimir Herzog, aborda a educação em direitos humanos por meio de temas como diversidade, discriminação e mediação de conflitos.

Acesse: <https://respeitarepreciso.org.br/cadernos-respeitar/>



## ATIVIDADES

### 3. *Look* do dia: meu estilo, minha identidade

Tempo sugerido: 5 horas

Recursos: **equipamento para projeção de imagens, materiais para desenho, pintura e fotografia**

Duração: 4 aulas

- Relembre os dois conjuntos de histórias de vida que conhecemos nas últimas atividades. No primeiro bloco, conversamos sobre como as roupas ajudam a tecer retratos de épocas e lugares, além de laços e memórias. No segundo, aproximamos o vestuário da discussão sobre cultura e diversidade, ao tratar da umbanda, uma religião de matriz africana, e de pessoas transgênero.

- Explique que, nesta e nas próximas aulas, cada estudante pensará sobre a própria identidade – e como ela se relaciona com as roupas e acessórios – para compor um retrato de si, que pode ser uma fotografia, uma ilustração ou uma combinação entre elas. Na era das *selfies*, a expectativa é que a produção vá além do registro do momento, a fim de mostrar, via composição estética, origens, desejos, características, preferências, ideias e medos.

- Projete as seguintes obras de arte de artistas brasileiras: “Autorretrato de Duhigó” (2022), da artista amazonense Duhigó Tukano, da etnia indígena Tukano.

<https://masp.org.br/acervo/obra/autorretrato-de-duhigo>

“Procu-ro-me” (2002), de Lenora de Barros. A peça pertence ao acervo do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo.

<https://artsandculture.google.com/asset/procu-ro-me-lenora-de-barros/KwF9fIZTXFA9CQ?hl=pt-br>

“Parede da memória”, de Rosana Paulino. Paulino foi a primeira mulher negra a expor na Pinacoteca de São Paulo (fundada em 1905), em 2018.

<https://35.bienal.org.br/wp-content/uploads/sites/3/2023/06/rosana-paulino-1-scaled.jpg>

- Conte com a parceria dos docentes de arte para discutir as características de cada obra e a biografia das artistas.

- Indique para a turma como Duhigó, na pintura em que se autorretrata, mostra os grafismos de seu povo na face e no corpo. A artista escolheu como cenário a comunidade de Trindade, na Colômbia, onde foi visitar, quando criança, uma de suas tias. Já Lenora de Barros se inspira em retratos de pessoas desaparecidas para criar a série em que usa diferentes perucas como metáfora para uma busca de si mesma. Rosana Paulino escolheu patuás (amuletos) costurados com linha e algodão como suporte para a impressão de uma série de retratos de pessoas negras.

- Pergunte se a turma considera que os retratos ou autorretratos, transformados e apresentados como obras de arte, refletem interpretações das histórias das autoras ou daqueles que estão presentes nas imagens.

#### SAIBA MAIS

Uma arte da memória: Duhigó e sua obra, por Mariam Daychoum

[https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2022/Uma-arte-da-mem%C3%B3ria-](https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2022/Uma-arte-da-mem%C3%B3ria-Duhig%C3%B3-e-sua-obra)

[Duhig%C3%B3-e-sua-obra](https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2022/Uma-arte-da-mem%C3%B3ria-Duhig%C3%B3-e-sua-obra)

Rosana Paulino, no site da 35ª Bienal de São Paulo

<https://35.bienal.org.br/participante/rosana-paulino/>

Lenora de Barros, na Enciclopédia do Itaú Cultural

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa109502/lenora-de-barros>





- Com antecedência, peça que a turma providencie peças e acessórios que podem emprestar aos colegas para montar uma espécie de acervo de figurino na escola.
- Na data combinada, oriente-os a se produzirem, a partir do próprio acervo de peças ou do armário colaborativo, de modo a manifestar aquilo que consideram compor sua identidade e memória. Depois das produções, distribua materiais de desenho e pintura (ou use as câmeras dos *smartphones*), incentivando-os a fazer autorretratos.
- Reúna os trabalhos em uma plataforma *on-line*, como Padlet (<https://padlet.com/>), Pinterest (<https://br.pinterest.com/>) ou Instagram (<https://instagram.com/>), dê nome a essa espécie de catálogo de moda e identidade, depois divulgue para a comunidade escolar.

# Roteiro de trabalho

## 2. Em cada roupa, nossa história

“É uma peça  
que conta a história  
da família”

Sylvia Demetrescu



Na primeira atividade deste caderno, propusemos um mergulho na história e nas histórias de vida para investigar como as roupas contribuem para contar quem somos, quais são nossos valores, em que época e tempo vivemos. Aqui, os estudantes serão convidados a compartilhar roupas significativas para eles mesmos, para suas famílias e comunidades. Além disso, as propostas fazem pensar sobre o papel dos museus e orientam a criação de uma exposição para mostrar as peças e experiências compartilhadas pelos alunos.

### Sobre este roteiro didático

Público

*Estudantes dos Anos Finais do Ensino  
Fundamental e do Ensino Médio*

Atividades

1. Varal de memórias
2. O fio da meada: roda de histórias
3. Entre a fala e a escrita: o que é narrar?
4. Um dia no museu
5. Arremate: montagem da exposição

Tempo sugerido

15 horas

Áreas do conhecimento

Linguagens (Língua Portuguesa e Artes)  
e Ciências Humanas (História)



## Base Nacional Comum Curricular

### Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

### Competências específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

## ATIVIDADES

### 1. Varal de memórias

Tempo sugerido: 1 a 2 horas

Recursos: papel, tesoura, cola, varal ou barbante, prendedores de roupa, imagens impressas ou imagens digitais e computadores com acesso à internet

- Solicite aos estudantes que separem fotografias deles – sozinhos, com amigos ou em família – em momentos da vida que consideram importantes. Pode ser uma festa de aniversário ou um dia comum de diversão com pessoas queridas, por exemplo.
- Sugira que, durante a seleção das imagens, observem as roupas que estavam usando e dê exemplos: a indumentária religiosa, o uniforme escolar, a camisa do time de futebol do coração, a roupa da formatura da Educação Infantil ou dos Anos Iniciais, trajes de banho em uma viagem e assim por diante. Diga-lhes para escolher cinco imagens, que podem ser digitais ou cópias impressas dos originais.
- Caso as imagens sejam impressas, pendure um barbante ou varal na sala, ou em outro espaço da escola. Ao longo do fio, deixe prendedores de roupa disponíveis.
- Distribua papel, canetas coloridas, cola e tesouras para entre os estudantes. Oriente-os a pensar, tendo como ponto de partida as imagens, em quais são os marcos da sua trajetória e por qual razão são importantes. Devem escrever cada marco em folha de papel, descrever brevemente os sentimentos, a situação e as pessoas retratadas e colar a imagem.



*ex: Momento de concentração com Nicole, Larissa e Giovana*

Foto de Severino Ferreira com sua esposa, Arraial do Severino, Distrito Federal, 1992. Acervo pessoal

- Quando o trabalho individual terminar, divida a sala em grupos de até cinco participantes. Oriente-os a compartilhem as fotos e os marcos que escolheram com os demais colegas.
- Pergunte, então, se há marcos em comum nas trajetórias dos participantes de cada grupo. Isso pode acontecer caso tenham estudado na mesma escola, façam parte da mesma família ou da mesma comunidade religiosa, por exemplo. Pergunte também em que aspectos as histórias se diferenciam, como os passeios que fizeram, as pessoas com quem estavam ou os lugares onde viveram.
- Procure fazer com que reflitam sobre os marcos que escolheram, associando a discussão às atividades do primeiro roteiro: por que as fotos que escolheram ajudam a contar quem são e quais suas histórias?



- Além disso, pergunte se as roupas que estão usando contribuem para o modo como se lembrarão do momento que ficou registrado naquelas imagens.
- Ao final da dinâmica, solicite que a turma construa uma linha do tempo coletiva sobre o varal, usando os pregadores para fixar as imagens e os marcos das histórias individuais. O grupo pode decidir como quer organizar a linha do tempo: de forma cronológica ou por semelhança entre os marcos e trajes que estão usando nas fotografias. Seja flexível com os critérios de organização, pois eles representam o modo como o grupo se vê e quer ser visto pelos outros.
- Encerre a atividade mencionando que a atividade de elaboração da linha do tempo provoca a pensar em como a história de um grupo é formada pela construção coletiva, em seus encontros (ou seja, naquilo que há de comum entre as trajetórias individuais) e desencontros (ou seja, naquilo que há de peculiar). Na linha, todos, em alguma medida, se enxergam como parte desse coletivo, unidos pela mesma época, pelo mesmo lugar e, às vezes, por que não?, pelas mesmas roupas.

#### Tecendo a aula

Caso a linha do tempo com imagens impressas não seja possível, use ferramentas como o Padlet ([padlet.com](https://padlet.com)) ou Jamboard ([jamboard.google.com](https://jamboard.google.com)) para promover a mesma atividade no ambiente digital, com o apoio de documentos compartilhados que podem ser editados, ao mesmo tempo, por todos os estudantes da turma, no computador ou no celular.

## ATIVIDADES

### 2. O fio da meada: roda de histórias

Tempo sugerido: 1 a 2 horas

Recursos: peças de roupa significativas para os estudantes

- Com antecedência, peça a cada estudante que escolha e leve para a escola, na data combinada por você, uma peça de roupa que o represente ou que contribua para contar uma história relativa à família ou às comunidades de que ele participa ou já participou.
- Para contribuir com a escolha, lembre a turma das histórias compartilhadas na atividade anterior. Há o vestido de Ana Lúcia e Malu; o casaco que passa de geração em geração entre os Limeres; a roupa de batizado que está presente na família de Sylvia desde o início do século XX; as camisas de futebol que fazem Luiz se lembrar do pai.
- Explique que eles terão de apresentar a peça aos demais colegas e compartilhar a história que os levou a escolher aquela roupa. Eleja você também uma peça para compartilhar.
- Na data da aula, organize a sala em círculo e explique que cada estudante terá algum tempo (algo entre 3 e 5 minutos, a depender do tamanho da turma) para explicar qual peça escolheu e que história gostaria de contar sobre ela.
- Reforce a importância de que todos ouçam respeitosamente as histórias que serão compartilhadas pelos demais. Além disso, mencione que não há problema em se emocionar ao narrar ou ao ouvir as memórias dos outros.

### Tecendo a aula

Se a turma tiver dificuldade para começar, inicie você a roda e conte a história da peça que você escolheu. Se ainda assim a turma estiver pouco engajada, faça perguntas para estimular o compartilhamento das narrativas.

- Quando todos acabarem de contar, pergunte como se sentiram ao falar sobre as peças que trouxeram. Provoque-os a pensar se elas ajudam, de alguma maneira, a compreender quem são, o modo como vivem, sentimentos, características e aspirações.
- Discuta também se seria possível que todas aquelas peças estivessem expostas em um museu e se faz sentido que haja um museu feito de roupas e de histórias de gente comum, como a professora ou o professor, os estudantes e suas famílias.
- Questione que significado teria se essas peças estivessem reunidas em um museu que fosse visitado no futuro, por outras gerações. O que os visitantes saberiam sobre as pessoas que as vestiram, sobre a época e o lugar em que viveram?

### Ponto de encontro

Além da roda com os estudantes, promova rodas de histórias sobre o vestir com os demais funcionários da escola e as famílias. A atividade pode fazer parte da programação da mostra cultural anual, por exemplo, ou de uma investigação sobre manifestações culturais da localidade em que você leciona.

## ATIVIDADES

### 3. Entre a fala e a escrita: o que é narrar?

Tempo sugerido: 1 a 2 horas

Recursos: folhas pautadas, materiais de escrita e texto de apoio

- Entregue folhas pautadas aos estudantes. Em uma delas, devem fazer o registro por escrito da história que acabaram de contar. Na outra, devem escrever a história de um dos colegas. Você pode sortear os nomes, como em uma brincadeira de amigo oculto, para que todos tenham a história registrada por alguém.
- Antes de iniciar a atividade de escrita, mostre o exemplo a seguir, uma versão adaptada da história do paraibano Alexandre Nepomuceno, que passou mais de uma década perdendo e reencontrando um casaco que pertencia ao pai dele.



### Casaco a passeio

Sou Alexandre Nepomuceno, nasci em Campina Grande, Paraíba, em 1º de fevereiro de 1973.

Escolhi contar a história de um casaco que era do meu pai... Lembro, ainda criança, de abrir o guarda-roupa dele e encontrar a peça. Ficava enorme em mim, mas mesmo assim eu brincava com ele. Eu 'botava' no bolso um revólver de brinquedo, pegava uma pasta velha, enchia de papel e me transformava em detetive.

Quando me mudei da Paraíba para o Rio Janeiro, já adulto, trabalhava com criação de figurinos e levei a peça, imaginando que a usaria em algum trabalho, o que nunca aconteceu.

Mais tarde, voltei para João Pessoa e alguns itens ficaram no Rio, com os amigos. Naquela confusão da mudança, perdi o casaco de vista e só me dei conta quando, em uma viagem a São Paulo, visitei uma amiga. No quarto dela, havia uma 'arara' com várias roupas, entre elas, meu casaco. Ela me disse para levá-lo, mas eu estava ali de visita, não ia carregar aquele casaco pesado, deixei por lá. Ela se mudou muitas vezes e eu o perdi novamente.

Um dia, mais de dez anos depois, comecei a olhar o perfil de um desses brechós que vendem também *on-line*. Quando rolei a página, vi um casaco muito parecido com aquele e ampliei a foto. Suspeitei que era a peça do meu pai, mas só tinha um jeito de saber: verificar o forro - estampado, marrom com laranja, que estava vivo na memória. Passei por algumas das imagens e tive a confirmação, era ele! Em um impulso, fiz a compra. Tinha medo de perdê-lo mais uma vez. O casaco ficou na loja uns poucos dias até que o busquei. Ainda lembrava da etiqueta. Trouxe, feliz, o casaco para casa. Talvez eu nunca use, mas está na minha arara e conta um pouco da minha história.

- Após o registro, peça que alguns voluntários leiam as versões escritas das histórias. Depois, motive a reflexão sobre fala, escuta, escrita e o modo como narramos e registramos as nossas próprias histórias e as histórias que ouvimos. A seguir, há sugestões de perguntas para fomentar a conversa.

### Alinhavando ideias

Ao transitar entre a linguagem falada e a linguagem escrita, que mudanças acontecem?

Que aspectos das histórias pessoais e das histórias dos colegas quiseram ressaltar ao escrever?

Os textos suprimiram algumas informações e enfatizaram outras?

Houve alterações em relação ao sentido das histórias originais?

Os textos ficaram mais formais ou menos formais em relação à fala?

Conseguem transmitir os sentimentos de quem narrou a história? Respeitam, em alguma medida, a forma e o estilo de narrar de quem contou a história?

- Discuta como a construção de narrativas é composta por um longo processo de escolhas. Cada estudante escolheu a peça que traria para a roda de histórias; então, escolheu que partes da história gostaria de compartilhar com as demais pessoas e também a ordem em que contaria, os personagens que envolveria e as palavras que usaria.

- Por meio dos exemplos dos voluntários, mostre como o mesmo processo acontece na passagem da fala para a escrita. Fazemos escolhas – tal qual em um diário ou em uma postagem nas redes sociais –, pois imaginamos um interlocutor, sobre quem geraremos algum efeito. Nesse sentido, damos mais ênfase a uma passagem da história, enquanto omitimos outra. Esse processo – de contar, ouvir e recontar – nunca termina, já que cada narrador poderá construir uma nova versão das histórias que ouviu.
- Pergunte aos estudantes, se, com base nas reflexões feitas em aula, gostariam de fazer alguma alteração nas histórias escritas e reserve tempo para essa etapa. Por fim, recolha os registros e explique que serão usados em atividade posterior, a de concepção e montagem de uma exposição.

ATIVIDADES

4. Um dia no museu

Tempo sugerido: 3 horas  
Recursos: computadores com acesso à internet, projetor, cópias do roteiro de observação e investigação

- Inicie a aula perguntando à turma quais museus já visitaram, ouviram falar ou conheceram pela internet. Pode ser que o grupo já tenha feito trabalhos de campo em museus locais ou fora do município em que vivem, conhecido alguma instituição com a família ou navegado em exposições *on-line* durante as aulas.
- Pergunte, então, se sabem dizer como são esses museus, qual é a temática e o objetivo deles, como estão organizados e quem os organizou. Talvez eles não tenham todas as respostas, por isso, conte que descobriremos como chegar a elas por meio de uma investigação.
- Em seguida, separe a turma em seis grupos e explique que cada um ficará responsável pela visita a uma exposição ou a um museu, todos disponíveis na internet. A seguir, há algumas sugestões, mas você pode fazer sua própria curadoria com base nas demandas e expectativas da turma.



### Museus e exposições para visitação online

1. Exposição *Nhe'e Porã: memória e transformação*, do Museu da Língua Portuguesa  
<https://nheepora.mlp.org.br/>

2. Exposição *Vestindo Memórias*, do Museu da Pessoa  
<https://artsandculture.google.com/story/fwVx4NTFLFDxKg>

3. Exposição *osgemeos*, da Pinacoteca de São Paulo  
<https://www.360up.com.br/tourvirtual/osgemeos/>

4. Exposição *Rio de Marés*, do Rio Memórias  
<https://riomemorias.com.br/galeria/rio-de-mares/>

5. Capela Sistina, no Vaticano  
<https://bit.ly/tourcapelasistina>

6. Museu Nacional, no Rio de Janeiro  
<https://artsandculture.google.com/project/museu-nacional-brasil?hl=pt>

• Reserve algum tempo, cerca de 10 ou 15 minutos, para que cada grupo visite livremente as exposições virtuais. Em seguida, entregue-lhes um roteiro de observação e investigação para a visita.

### Roteiro de observação e investigação

- a) Qual é a exposição ou museu que vocês estão visitando?
- b) Trata-se de um museu físico ou virtual?
- c) Se o museu existe para além da internet, onde está localizado?
- d) É possível saber quando o museu foi fundado e quem são seus fundadores?
- e) Quem cuida do museu hoje?
- f) Além da exposição que vocês estão visitando, há outras exposições ou possibilidades de visitação? Quais?
- g) O que está exposto? Deem exemplos.
- h) Como o museu ou a exposição está organizado(a)?
- i) Como os visitantes podem se informar sobre o que está exposto?
- j) O Museu visitado parece ter algum assunto ou tema?
- k) É possível definir um objetivo ou uma função para o museu que está sendo visitado?
- l) De que maneira o museu se comunica ou transmite informações ao público?

• Circule entre as equipes para dirimir dúvidas e indicar possíveis percursos de pesquisa para os grupos.

- Quando as investigações forem concluídas pelas equipes, reúna a sala para fazer o compartilhamento das informações que descobriram durante a pesquisa. Reserve cinco minutos para que cada grupo se apresente enquanto os outros têm a tarefa de anotar dados, constatações e inferências relevantes.

### Tecendo a aula

Se houver possibilidade, é interessante projetarem as exposições e museus para os demais colegas enquanto fazem a apresentação.

- Uma vez que as apresentações sejam concluídas, diga a cada equipe que formule definições para as palavras “museu” e “exposição”, com base nos dados coletados durante a investigação.
- Solicite que as equipes compartilhem as definições e, então, apresente a definição de museu adaptada de documentos da Unesco, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

### O que é um museu?

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio material e imaterial da humanidade e de seu ambiente para os propósitos de educação, estudo e entretenimento. Como tal, museus são instituições que buscam representar a diversidade cultural e natural da humanidade, assumindo um papel essencial na proteção, preservação e transmissão do patrimônio.

Trecho adaptado da Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade, de novembro de 2015.

- Pergunte se os museus e exposições que foram visitados fazem jus à definição da Organização das Nações Unidas. Além disso, acrescente que, para a mesma organização, são compreendidos como museus também os monumentos, sítios arqueológicos, jardins botânicos, zoológicos, aquários, viveiros, planetários e reservas naturais, entre outros, em que a função social em relação à preservação e compartilhamento do patrimônio é garantida.

- Acrescente que esse conceito sofreu transformações ao longo da história e atendeu a diferentes propósitos. Retome algumas das falas das apresentações dos estudantes para evidenciar isso.

### Alinhavando ideias

Qual é o objetivo da visita à Capela Sistina, considerando o momento histórico em que ela foi pintada, no século XVI, e a importância que tem para a história da arte hoje?

Por que precisamos conhecer e ouvir as histórias do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro?

Que papel tinha o Museu Nacional antes do incêndio ocorrido em 2018? E agora, quando parte da coleção está disponível apenas na internet, por meio de fotografias, já que desapareceu com as chamas?



- Observe que a ideia do que pode ser objeto de exposição em um museu também mudou ao longo do tempo. São famosos os grandes museus – como o Museu do Ipiranga, em São Paulo, que exibe a tela de Pedro Américo, pintor que teria retratado o grito dado por Dom Pedro I para lutar pela independência do Brasil em relação a Portugal. Entretanto, há lugar para o contemporâneo, caso da exposição dos grafiteiros os gêmeos, na Pinacoteca. E, ainda, lugar para o cotidiano, como a exposição *Vestindo memórias*, do Museu da Pessoa.

- Reforce que, em todos os casos, nos remetemos à ideia de patrimônio e apresente a definição desse conceito, adaptada da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

#### O que é patrimônio?

Patrimônio é definido como um conjunto de valores tangíveis e intangíveis, bem como expressões que pessoas selecionam e identificam, independentemente do direito de propriedade, como reflexo e expressão de suas identidades, crenças, conhecimento e tradições, e ambientes que demandem proteção e melhoramento pelas gerações contemporâneas e transmissão para as gerações futuras.

Trecho adaptado da recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade, de novembro de 2015.

- Questione se a definição muda algo na perspectiva dos estudantes sobre o que é patrimônio e sua relação com os museus. Enfatize que, conforme o trecho, nem todo museu vive de passado ou de objetos velhos. Além disso, nem todo museu tem objetos. Sua matéria-prima de trabalho podem ser manifestações culturais – como uma tradição, a exemplo do tambor de crioula, no Maranhão –, histórias e, claro, peças de roupas que refletem “identidades, crenças, conhecimento e tradições” e merecem ser protegidas e preservadas pelas gerações futuras.

- Como prosseguimento da aula, peça que a turma aponte diferenças entre museus e exposições. Que relação há entre eles? São dependentes um do outro? Provavelmente, a observação mostrou que museus fazem exposições como forma de compartilhar seus acervos com o público. Todas as histórias da exposição *Vestindo Memórias* fazem parte do acervo do Museu da Pessoa e se juntaram a ele em épocas diferentes. Essas histórias foram reunidas sob um tema e, apresentadas em conjunto, constroem uma narrativa (entre as muitas possíveis) sobre a relação entre as pessoas, as sociedades e o vestuário. Lembre-os, ainda, de que as exposições podem ser permanentes ou temporárias.

- Acrescente que uma função primordial dos museus e exposições é a da curadoria. Curadores escolhem quem ou o que fará parte da exposição, de que maneira ela será organizada e, mais importante, que mensagens (ou narrativas) serão dadas com o público.

#### O que é curadoria de arte?

Este episódio do canal do YouTube *Manual do Mundo* conversa com um curador para mostrar qual é a função social e como é o cotidiano de quem escolheu exercer essa profissão.  
<https://youtu.be/GnwmvvdIaiA>  
 Duração: 17min44s

- Por fim, conte que as experiências prévias e os conhecimentos construídos nesta etapa colaborarão para que a turma elabore uma exposição com as linhas do tempo, as peças de vestuário e as histórias compartilhadas e registradas até aqui. Em parceria com você, os estudantes serão os curadores da exposição sobre as peças de roupa que marcaram a trajetória deles e da comunidade em que vivem.

## ATIVIDADES

### 5. Arremate: montagem da exposição

Tempo sugerido: 6 horas

Recursos: linha do tempo coletiva, peças de roupa, registro das histórias e materiais (a definir) para montagem de exposição

- Como preparação para a atividade, reúna todos os materiais produzidos pela turma com a sua orientação: linhas do tempo, peças de vestuário, histórias registradas e pesquisas feitas pelas equipes.
- Organize a turma em círculo, com o acervo no centro, e explique que a classe (ou as classes) tem a missão de organizar uma exposição. Para isso, deverá considerar a definição de patrimônio e o objetivo que gostaria de atingir ao exhibir as peças e produções deste percurso ao público.
- Discuta, defina e registre o objetivo da exposição. Esse objetivo pode ser o reconhecimento da diversidade religiosa presente na escola, que se manifesta nas diferentes indumentárias usadas pelos estudantes, ou a força de tradições culturais como o Carnaval, ilustrado pelas fantasias usadas ao longo do tempo.
- Depois, escolha, com o apoio da turma, um local para a exposição e de que maneira as produções serão expostas.

#### ideias para uma exposição sobre as memórias do vestir

Colocar cada peça de roupa pendurada em um cabide, em diferentes lugares do espaço expositivo, com as histórias afixadas ao lado, em outro cabide.

Fazer um único varal, que misture peças, histórias e fotografias.

Distribuir as peças e as histórias em um armário, cômoda ou malas, acompanhados de trechos das histórias, para garantir interação do público com a exposição.

Propor que o público compartilhe suas memórias sobre o vestir.

Elaborar *playlist* de músicas relacionadas ao vestir ou às histórias das pessoas para ambientar a exposição.

Fazer cartazes com as frases mais marcantes da roda de histórias.

- Divida tarefas para a montagem da exposição. A tabela a seguir é apenas um exemplo, pois as funções dependerão do formato da exposição e das demandas de cada grupo.



Tarefa	Responsáveis	Prazo
Limpar o espaço expositivo		
Preparar as peças para a exposição		
Ambientar o espaço expositivo com trilha sonora e aromas que remetam às histórias		
Selecionar e revisar os trechos das histórias que serão compartilhados		
Escrever legendas informativas sobre cada peça		
Colocar elementos de base para as peças, como varais, cabides, armários ou gavetas		
Digitar trechos selecionados das histórias, fazer a formatação dos textos e providenciar a impressão de cartazes		
Organizar a abertura da exposição e convites para a comunidade escolar		
Guiar e informar o público durante a abertura da exposição		

Reserve tempo para a montagem da exposição e, ao final, convide a turma a sugerir nomes para o trabalho. Escreva um texto de apresentação, transforme-o em um cartaz para ser exibido na entrada do local expositivo e combine a data de inauguração.

- Após a abertura, reserve um momento para fazer a avaliação do processo com a turma, focando-se nos conceitos que foram construídos e nas habilidades desenvolvidas.

Saiba mais



Na publicação *Tecnologia Social da Memória*, o Museu da Pessoa sistematiza sua metodologia para captar, organizar e socializar histórias de vida. A metodologia é pensada para movimentos sociais, comunidades e instituições que querem registrar sua história. Acesse gratuitamente.

<https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/Livro-Tecnologia-Social-da-Memoria.pdf>



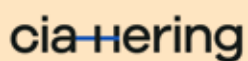




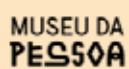


Patrocínio

Apoio



Realização



Secretaria de  
Cultura e Economia Criativa

